

REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR DOS SURDOS

Anízia da Costa Zych
Departamento de Pedagogia
UNICENTRO, Irati - PR

Resumo: O presente artigo trata da educação escolar das pessoas surdas, analisando a importância e o valor da escola no desenvolvimento sociocultural para o exercício da cidadania, contemplando as especificidades referentes à surdez.

Palavras-chave: educação; surdo; escola; cidadania; desenvolvimento

Abstract: This article is about the scholar education of deaf people at schools. In it will be analyzed the importance and the value of school in the social-cultural development of them as citizens, observing the specification that refers to the deafness.

Key-words: education; deaf; school; citizenship; development

O presente artigo trata da educação escolar das pessoas surdas, analisando a importância e o valor da escola no desenvolvimento sociocultural para o exercício da cidadania. Ao contrário do que se possa supor, a surdez não implica obrigatoriamente em déficit intelectual, psicológico, desvio de conduta e/ou físico. Suas maiores implicações estão centradas no desenvolvimento do sistema fonoarticulatório, interferindo diretamente na aquisição da comunicação oral e na interação social da pessoa surda. Portanto, não excluindo as oportunidades de relações no contexto social, estará sendo possibilitado à criança surda que ela aprenda, se desenvolva e progrida.

A prática social fornece à escola os conteúdos que fundamentam a formação do cidadão. Tais reflexos se fazem sentir com veemência na educação, constituindo-se em fator de mudanças de paradigmas. Assim sendo, o contexto histórico-cultural se impõe à escola e se constrói no currículo.

A educação escolar dos surdos esteve por muitos séculos à mercê do poder ouvintista, que dela se servia para impor culturas, valores, saberes e conhecimentos desvinculados de sua identidade. Por décadas permaneceu subjugada a uma ideologia determinista e castradora, correspondente ao domínio de uma política sedimentada pelas hipóteses da oralização, distanciada do universo da inaudibilidade.

Sendo o surdo considerado de modo errôneo, também foi errôneo o direcionamento dado ao seu processo educativo, negando-se a ele o direito de conviver socialmente, de receber educação adequada, de manifestar seus pensamentos e de utilizar sua linguagem (a Língua de Sinais).

A educação, vista como fenômeno de vital importância para o desenvolvimento individual e participação na vida social, veicula o saber construído, que tem como objetivo precípuo levar as pessoas a apropriar-se de um tipo de fazer elaborado. Portanto, a educação visa melhorar o fazer, tendo necessariamente que maximizar as habilidades de ações práticas, como sugere Ardoíno, a respeito da “ação educativa que possa contribuir para a busca dum crescimento do saber; dum melhoramento do saber fazer; dum amadurecimento do saber ser” (In: RONCA, 1988); concebendo a construção do saber como ato reflexivo. Esta deve ser a luta pela autêntica emancipação do surdo, sob uma visão transformadora do mundo, agregada à construção de novos saberes.

Vygotsky caracteriza o problema da educação do surdo como uma das mais complexas questões da pedagogia científica. De início, Vygotsky duvidava que a LS pudesse contribuir com o pleno desenvolvimento dos surdos, por considerá-la uma linguagem pobre, limitada e primitiva, um meio natural de comunicação e o instrumento para a mediação dos processos psicológicos superiores. Ele considerava a poliglossia (habilidade para usar a LS em concomitância com a oralidade) importante fator de desenvolvimento para o surdo. Em 1931, em seu trabalho “Problemas de Defectologia”, Vygotsky afirma ser a mímica uma verdadeira língua em toda a riqueza de seu significado funcional, enquanto a pronúncia oral das palavras inculcadas artificialmente representa só um modelo morto da linguagem viva (SKLIAR, 1997).

Portanto, sendo ofertados aos surdos os instrumentos necessários à sua comunicação, seu potencial intelectual não será apenas preservado, mas seletamente estimulado. Com a colaboração de um ambiente favorável capaz de aguçar suas percepções para explorar o mundo e apropriar-se do conteúdo cultural do contexto sociocultural, seu desenvolvimento será aprimorado. Além disso, é preciso a tentar para novas formas envolvê-los na coletividade para que, assim, dinamizem seu potencial e aprimorem suas competências, pois não existe quase nada que possa evitar que crianças surdas, com inteligência preservada, aprendam.

As crianças surdas precisam ter o corpo mais livre durante as aulas, para a vivência da comunicação e sua empregabilidade à LS. Além disso, ela precisa visualizar seu interlocutor, tendo a luz incidindo sobre o rosto do mesmo, para poder captar a mensagem em emissão, seja ela oral ou em LS. A consciência do professor em relação à importância do corpo na aprendizagem da criança surda é fundamental para que ele

compreenda a relação da corporeidade e sua ação contínua no contexto lingüístico e sociocultural dos surdos.

É necessário atentar para a forma como os surdos vão tecendo os parâmetros organizadores da LS envolvendo a configuração das mãos, o ponto de articulação, movimento, expressão facial e/ou corporal. Assim vão significando espontaneamente o que é aprendido pela ação presencial do movimento das mãos, construindo suas idéias no formato adequado, através da posição, expressividade corporal, com destaque à expressão facial e aos toques nos pontos determinados, que se integram numa atividade corpóreo-mental, dando expansão às construções da inteligência. ALS permite que de melhor forma seu usuário possa sentir o próprio corpo, tomando consciência de sua funcionalidade, com a especificidade de significados. Com ela aprendemos e encontramos um novo saber, condutor da comunicabilidade, sendo possível explorar novas mensagens, bem como novas vias de sinalização.

Conforme Sacks (1998), a idéia de evitar que os surdos vivessem e morressem privados de serem ouvidos em confissão e, sem conhecerem as Sagradas Escrituras, fez com que o abade De l' Epée criasse o sistema de sinais "metódicos", utilizado em sua escola fundada em 1755. Os sinais "metódicos" permitiam aos alunos surdos a aprendizagem da leitura e da escrita.

Mesmo a LS sendo reconhecida como indispensável à emancipação dos educandos surdos, sua implantação no sistema educacional constitui-se no dilema da escola atual.

Portanto, os surdos precisam de espaço e liberdade para apreender e divulgar a sua cultura, pois, somente quando se constrói os próprios significados é que se torna possível agir com logicidade. Para eles essa mediação só se efetiva autenticamente através da LS, que é a língua que dominam. ALS se constitui no traço forte da comunidade surda, visto ser a língua importante fator de sua identidade cultural. Apesar de formar uma comunidade híbrida, parece que na cultura surda, o traço lingüístico se sobrepõe a tudo, tornando-se essencial fator sociocultural para identificar sua cultura. Ele é capaz de motivar as migrações, que geralmente torna as comunidades surdas errantes, gerando o tropismo.

A instituição escolar e a comunidade, em geral, precisam, com urgência, aprender a LIBRAS para poder interagir com os surdos. Ela permite aos educandos não ouvintes, além da assimilação do contexto, compreender o que lhes for ensinado, pensar rápido, tomar decisões inéditas, praticar ações capazes de surpreender pela criatividade, inovação e construção de novos saberes. A escolaridade faz parte do projeto e imaginação da criança surda que deseja aprender, saber, fazer e ser.

A escola favorece o contato entre crianças surdas e ouvintes, o que se constitui oportunidade propícia para se estabelecer parcerias em atividades diversificadas e de aprendizagens mútuas da LS (pela criança ouvinte) e da língua oral (pela criança surda).

A escola é reconhecidamente aceita pelo surdo e sua família como instituição socializadora do conhecimento, que exerce uma função social e política na formação do cidadão. Entretanto, vive profundo dilema com a prática da inclusão escolar e o

reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em nível nacional (Lei 10.436, de 24.04.02).

Reconhecida como potencializadora da práxis do mundo moderno e pós-moderno, fazendo parte da renovação da cultura, a escola torna-se responsável pelos desígnios de novas diretrizes para atender as mudanças exigidas pela sociedade. Apesar de ser vista como um veículo de transformação social, observa-se que ela não possui o mesmo ritmo de renovação sociocultural exigido pela prática social. O atendimento à escolaridade das pessoas surdas continua fragmentado e lacunoso, pois de acordo com Strnadová (2000), o surdo será excluído de seu grupo, caso não seja possível interagir lingüisticamente. Estará presente fisicamente, mas isolado psicologicamente.

O mundo contemporâneo representa um desafio às atividades educacionais e o educador, como cientista e pesquisador, precisa estar continuamente descobrindo novo sentido para o que realiza. Sendo a escola um espaço de humanização e de socialização, operando na reconstrução do saber por processos coletivos de reflexão, interfere sobre a experiência individual e coletiva das pessoas surdas. A cultura da prática social se reflete na instituição, interfere no currículo e, sobre um processo de seletividade é realizada sua apropriação pelo educando. Embora novas perspectivas apresentem a escola como um sistema aberto, incorporando os atributos da pós-modernidade, ela nem sempre se dispõe a manter as relações de construção e não de dominação, abrindo espaço para a diversidade como fator de enriquecimento sociocultural. Porém, o domínio e o controle sobre a realidade vão cedendo espaço para o pensar dos problemas de subsistência, de uma forma mais orgânica com as novas relações suscitadas pela sociedade, envolvendo de forma poderosa e totalizante os seus cidadãos. Assim sendo, a escola, diante da nova concepção paradigmática, sofre um grande impacto, provocando uma inversão da situação até então mantida mediante a visão pós-moderna.

Vivemos numa sociedade cuja era é do conhecimento e conhecimento é um instrumento de poder. A busca do conhecimento transformou-se numa explosão universal e a relação entre conhecimento e poder é uma tendência globalizadora que o surdo precisa conhecer e aprender. Para ele, a escola constitui-se no grande laboratório de divulgação do conhecimento. Portanto, cabe à escola o compromisso de gerir e prover o conhecimento necessário para a construção da cidadania de seus partícipes.

A popularização da educação só sobreviverá à promessa libertária embutida por várias épocas se superar a idéia da uniformidade cultural atendendo às especificidades da diversidade. É necessário rearticular as forças dos diferentes setores da escola para saber da disponibilidade de caminhar coletivamente, já que individualmente, ninguém dispõe de tal força. Uma vez canalizada tal união, o estabelecimento de parcerias com os segmentos externos à escola torna-se imprescindível.

Só no coletivo será possível substituir os desserviços e inadequações que coexistem no espaço escolar, por um modelo de educação que se evidencie como serviço essencial, colocado no bojo do princípio da igualdade de direito. Somente eliminando a dicotomia entre surdos e ouvintes serão encontradas as condições necessárias para as

peças surdas se fortalecerem e para as ouvintes saírem do medo do confronto. Assim, ambas estarão construindo, na ousadia, a consolidação das prioridades para garantir o espaço vital das especificidades vocacionais, da geração de idéias.

A idéia e o conhecimento constituem o talismã do momento, significam a bússola indicativa dos novos rumos para a humanidade. A tomada de consciência do processo do próprio desenvolvimento pelo surdo se constitui na força desencadeadora de estímulos para o aperfeiçoamento pessoal. A busca de informação e conhecimento representa, no momento, as condições existenciais e os surdos compreendem que o conhecimento precisa ser compartilhado, divulgado, ampliado.

A escola precisa estar permanentemente ligada às tendências universais para conduzir a reorganização de seu trabalho, tendo a competência necessária para implantar um mecanismo inovador na captação de potenciais construtivos com o resgate da utilização de novas tecnologias.

Na percepção dos surdos, bom sistema de educação é aquele que está aberto ao diálogo e apto a atender às sugestões de seus educandos, que tende a oferecer maior número de alternativas, onde o conhecimento atua para que haja equilíbrio e harmonia entre a competência intelectual e a sensibilidade emocional, favorecendo um crescimento expressivo, através de uma proposta educacional bilíngüe.

Ter consciência da realidade, fazer descobertas, participar, tomar decisões, deixará o surdo mais encorajado a assumir sua vida. O ritmo de sua aprendizagem está, de alguma forma, relacionado a sua ascensão social. Através das oportunidades que lhe serão concedidas, das circunstâncias vivenciadas é que o surdo exercitará a expressão de seus talentos, com maior ou menor ênfase. Por isso é muito importante que haja cautela ao se fazer prognósticos, relacionando competência pessoal e surdez.

A escola precisa sentir-se comprometida com a reconstrução histórica dos surdos, redefinindo as novas tendências educacionais, aberta à produção de fatos culturais, projetados pela comunidade surda. Ainda não há consenso acerca das potencialidades educacionais dos surdos entre os educadores do ensino fundamental e a LS, apesar de gradativamente estar assumindo maior espaço fora da comunidade surda, não tem recebido a devida importância e o merecido valor junto ao trabalho educacional, como instrumento mediador do conteúdo escolar.

Pela sua constituição ideo-visual diferenciada, a LS também transforma todo o processamento cognitivo nas operações mentais, orienta a atenção do educando surdo de modo diferente. Isto suscita uma reflexão mais aprofundada em relação à forma de ensino/aprendizagem oferecida aos surdos e na dívida a ser resgatada pelo direito dos mesmos à participação sociocultural, à igualdade de oportunidades, à educação de qualidade para todos. Tais situações exigem novos rumos das escolas, em todos os níveis de atuação, e das demais instituições que devem preparar-se para o desempenho de funções inéditas e complexas, de caráter inclusivista, para atuar na diversidade.

A convivência com os educandos surdos no processo de inclusão educacional emerge como um desafio cotidiano ao universo escolar, por vezes gerando conflitos

relacionados à problemas de subestimação ou de superestimação. Como o ser humano se desenvolve num ambiente interativo, é de fundamental importância a ação exercida pelo contexto escolar, pois este é que poderá capacitar o acesso aos níveis crescentes de autonomia ou de dependência. Isto será facilitado ao educando surdo, através do bilingüismo, tendência educacional com ênfase na aprendizagem concomitante da LS e Língua Portuguesa.

Portanto, a escola concebida como um organismo sociocultural vivo, coletivo, integrador e transformador, como um contexto em articulações contínuas, possui um conteúdo gerado em seu interior, que permite que o surdo, por meio de variados contatos, perceba o outro com a própria singularidade e consiga perceber-se como pessoa pertencente ao universo coletivo. É o grupo que poderá favorecer atitudes fundamentais à construção da própria identidade, na aquisição de valores como cooperação, solidariedade, compreensão e tolerância. É a escola que cabe viabilizar a expansão das atitudes e das funções criativas sendo a educação a grande alavanca no processo de transformação social.

As táticas relacionais apreendidas no interior da escola atuam com competência quando operacionalizadas de modo solidário, num movimento autônomo de interatividade. Assim os educadores serão guiados pela informação, conhecimento e sabedoria dos que ousam pensar diferente, questionam e crêem na educação como promotora do fim das arbitrariedades, das desigualdades. A luta é pelo rompimento do imobilismo, da visão da surdez como deficiência, abrindo novas perspectivas educacionais para todos em geral e para os surdos em especial, com alternativas mais apropriadas de aprendizagens, condizentes com os valores e a cultura da comunidade surda.

Referências bibliográficas

RONCA, A. C. C. e SCOBAR, V. F. **Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, C. (Org.) Ricardo Burg Ceccim, Sérgio Andrés Luklim, Hugo Otto Beyer e Maura Corcim Lopes. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

_____. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STRNADOVÁ, V. **Como é ser surdo**. Trad. Daniela R. Teixeira. Petrópolis: Babel Editora, 2000.